

Heidegger face à metafísica como ontoteologia: origens de um diagnóstico crítico (1927-1930)

Fernando Rodrigues*

Resumo: Neste artigo são apresentadas as origens do diagnóstico crítico de Heidegger sobre a constituição ontoteológica da metafísica. Argumenta-se que o diagnóstico realiza-se já no período imediatamente posterior à publicação de *Ser e tempo* (1927), especialmente por meio de uma reinterpretação da *filosofia primeira* de Aristóteles delineada na preleção do semestre de verão de 1928 *Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz* e consumada nos *Grundbegriffe der Metaphysik* (1929/30). Mostra-se como Heidegger identifica o que se pode denominar uma *interpretação bipartida do ente*: a bifurcação da interpretação do ente nos questionamentos sobre *o ente como ente* (ontologia) e *o ente no todo* (teologia). Por fim, argumenta-se que a reinterpretação da metafísica da tradição como ontoteologia associa-se inicialmente a uma *virada metafísica*, cuja implicação é um projeto de filosofia denominado *metafísica do Dasein*, orientador das tarefas de pesquisa de Heidegger no período de 1927-1930.

Palavras-chave: *Dasein*; Heidegger; metafísica; metontologia; ontoteologia

Abstract: This paper aims at presenting the origins of the critical diagnosis by Heidegger regarding the ontotheological constitution of metaphysics. It sustains that this diagnosis is already in progress in the period right after the publication of *Being and Time* (1927), especially via a re-interpretation of Aristotle's *philosophia prima*, outlined in the lectures from the summer semester 1928 *The metaphysical foundations of logic* and further developed in the lecture *The fundamental concepts of metaphysics* (1929/30). It shows how Heidegger identifies what can be called a two-fold interpretation of the being: *being as a being* (ontology) and *being as a whole* (theology). As a conclusion, it argues that the re-interpretation of traditional metaphysics as ontotheology initially binds itself to a metaphysical turn, whose implication is a philosophical project called *metaphysics of Dasein*. That is the project that guides Heidegger's research in the period between 1927-1930.

Keywords: *Dasein*; Heidegger; metaphysics; metontology; ontotheology

Introdução

* Doutorando em Filosofia no IFCH/UNICAMP e bolsista do *Deutscher Akademischer Austauschdienst* - DAAD na Albert-Ludwigs-Universität Freiburg, Alemanha. E-mail: fernando.rodrigues@daad-alumni.de. Artigo recebido em 17.10.2011, aprovado em 20.12.2011.

Embora tenha aparecido pela primeira vez tão somente na preleção sobre *Hegel* do inverno de 1930/31 *Hegels Phänomenologie des Geistes* (GA 32), o termo *ontoteologia* – expressão que, décadas mais tarde, na cunhagem hifenizada que dá título ao ensaio de 1957 *Die onto-theo-logische Verfassung der Metaphysik* (1957), resumiria em si a crítica de Heidegger à metafísica tradicional e à história da filosofia européia – não é senão a síntese e a apreensão conceitual de um diagnóstico filosófico cujos primeiros contornos mais precisos se delineiam já na preleção sobre Leibniz do verão de 1928 *Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz* (GA 26) e cuja consumação documenta-se na introdução do curso de Heidegger do inverno de 1929/30 *Die Grundbegriffe der Metaphysik: Welt – Endlichkeit – Einsamkeit* (GA 29/30) ¹. Essa é, basicamente, a tese interpretativa que dá mote ao presente trabalho. Ela orienta a exposição que se seguirá, pois obriga a que nos detenhamos em uma análise de um problema central nessas preleções: o diagnóstico de Heidegger de uma bipartição da *filosofia primeira* de Aristóteles nos questionamentos sobre *o ente como ente e o ente no todo*, uma cisão inicial da metafísica em *ontologia e teologia*.

Chamar a atenção para a importância dessas preleções do período imediatamente posterior à publicação de *Ser e tempo* (1927), justamente neste contexto de discussão da interpretação de Heidegger da história da filosofia como ontoteologia, traz consigo, vale observar, um sentido positivo no interior dos estudos da filosofia de Heidegger. Dito diretamente: o título ‘ontoteologia’ é o mais das vezes associado – e nisso, há mesmo certa razão – aos desdobramentos da *Kehre* filosófica de Heidegger a partir de meados dos anos 1930, no contexto do *pensamento da história do ser* (*Seinsgeschichtliches Denken*), desenvolvido nos *Beiträge zur Philosophie* (1936-1938) e nas preleções sobre Nietzsche (1938/39). Por essa razão, não somente são raros os esforços na literatura secundária no sentido de compreender as *origens* desse diagnóstico heideggeriano da metafísica como ontoteologia², como também é corriqueiro considerar de somenos importância a discussão

¹ Uma lista completa das ocorrências dos termos ‘ontoteologia’ e ‘ontoteológico’ no *corpus* heideggeriano encontra-se em Jaran, 2010, pp. 335-337.

² Rara exceção, neste contexto de uma consideração das origens do diagnóstico da metafísica como ontoteologia, é o livro de Jaran (2010), *La métaphysique du Dasein. Heidegger et la possibilité de la métaphysique (1927/1930)*, um desdobramento exaustivo de ideias que, vale frisar, já vinham sendo apresentadas pelo autor nos últimos anos, desde Jaran (2006).

desenvolvida nessas preleções, já que elas se associariam a um conceito ainda demasiado “positivo” de metafísica, dados os esforços de Heidegger, a exemplo da conferência inaugural da cátedra em Freiburg *Was ist Metaphysik?* (1929), para definir filosofia *como* metafísica³.

No que segue, tratarei exclusivamente das *origens* do diagnóstico heideggeriano da constituição ontoteológica da metafísica, tendo em vista o mapeamento do terreno no interior do qual essa tese interpretativa pôde brotar antes ainda do emprego da expressão ‘ontoteologia’. Dado esse foco, exclui-se a perseguição, por exemplo, de qualquer comprovação do caráter ontoteológico das paragens filosóficas em que Heidegger se deteve ao longo de suas preleções do período pós-*Kehre*⁴. Antes disso, interessa-me considerar melhor uma outra *Kehre*, uma outra virada, a saber, a *virada metafísica* de Heidegger no período imediatamente posterior a *Ser e tempo*, justamente porque esse é o contexto-terreno em que o diagnóstico da metafísica como ontoteologia se elabora.

A metafísica como ontoteologia e a *metafísica do Dasein*

As origens do diagnóstico heideggeriano da metafísica como ontoteologia associam-se intimamente ao problema de uma viravolta interna da ontologia fundamental, a qual constitui o projeto filosófico de *Ser e tempo* (1927). Referindo-se retrospectivamente a esse projeto, no desenvolvimento de sua preleção sobre Leibniz do verão de 1928, Heidegger afirmou: “A ontologia fundamental não esgota o conceito de metafísica” (GA 26, 199). O enfrentamento decisivo da metafísica, muito antes, envolve a *transformação metafísica* (*metaphysische Verwandlung*) da ontologia fundamental, a sua *metabolé*, passando, assim, por um saber provisoriamente denominado ‘metontologia’ e culminando em uma *metafísica do Dasein*, capaz de dar conta do *problema* da metafísica. Que a ontologia fundamental não esgote em si o conceito de metafísica não é, porém, algo óbvio. A sentença, ao

³ Essa é a postura implícita no recente trabalho de Barón (2010), publicado na *Heidegger Studies* sob o título *Metaphysik als Ontotheologie. Zur Rekonstruktion der Heideggerschen Auffassung der Geschichte der Philosophie*.

⁴ Esse é justamente o esforço de Barón (2010): reconstruir sumariamente a história da filosofia por meio da tese de Heidegger, dedicando-se a cada uma das paragens essenciais (Heráclito e Parmênides, Platão e Aristóteles, Kant e Hegel), como numa “marcha ao longo da história da metafísica como ontoteologia” (“*Gang durch die Geschichte der Metaphysik als Ontotheologie*”).

contrário, pressupõe, no mínimo, duas coisas bastante importantes: 1) os limites da idéia de ontologia fundamental; 2) uma compreensão muito específica da essência da metafísica. É necessário, por essa razão, discorrer brevemente sobre ambos os pontos dentro dos limites impostos pela nossa problemática central: o delineamento do diagnóstico crítico de Heidegger da metafísica como ontoteologia.

É bastante conhecida a pressuposição central de *Ser e tempo* (1927) segundo a qual todo o comportamento humano possível repousa na *compreensão* (*Verstehen*) do ser do ente que, por sua vez, deixa-se elucidar como *temporalidade* (*Zeitlichkeit*). O problema básico de *Ser e tempo*, assim, é aludido já pela conjunção presente no título do livro, indicativa do copertencimento íntimo de *tempo* e *ser* e da tarefa, assumida por Heidegger, de explicitar a base temporal de toda a compreensão de ser e, subsequentemente, o próprio ser *como* tempo. *Ser e tempo* desenvolve, desse modo, uma fenomenologia da temporalidade ekstática do 'aí' (*Da*), da 'abertura' (*Erschlossenheit*) ou do 'clarão' (*Lichtung*) existenciais no homem – o *ser-o-aí* ou *Dasein* – onde se dá o 'vir ao encontro' (*Begegnung*) de tudo o que há – o 'aparecer' de tudo o que há, na terminologia tradicional –, tendo sempre em vista que o tempo (*Zeit*) é a raiz de todo encontro ou aparição, bem como o fundamento da liberdade, da história, do agir, da ciência e do comportamento humano em geral⁵. Essa é, dito de modo muito sumário, a idéia da ontologia fundamental.

Se Heidegger diz, porém, que a ontologia fundamental não esgota o conceito de metafísica, é porque há algo na metafísica que extrapola o problema ontológico. Observe-se, contudo, que a afirmação de que a ontologia fundamental não esgota o conceito de metafísica não se encontra em *Ser e tempo*, e sim em uma preleção do período imediatamente posterior à sua publicação. Isso permite afirmar que, no interior do *opus magnum*, esse não é um problema que se coloque, ou seja, em *Ser e tempo*, vale o pressuposto básico de que a ontologia fundamental, como questão do sentido do ser em geral, recoloca e dá conta, sim, do problema da metafísica, enquanto o que fica claro a partir da preleção sobre Leibniz, ao contrário disso, é que a ontologia fundamental não esgota o problema, não

⁵ Não posso tratar aqui das bases temporais da ciência ou do comportamento humano em sentido geral. Cf. quanto a isso a segunda seção de *Ser e tempo*, '*Dasein und Zeitlichkeit*', §§ 45-83.

dá conta do todo do problema imposto pela metafísica em sua essência. Mas por que razão?

A ontologia fundamental, a despeito de sua posição radical de filosofia transcendental, posição que a distingue de toda ontologia ou ôntica tradicional de propriedades quididativas, retoma e reelabora o problema do ser a partir do problema da ontologia tradicional acerca da entidade (*Seiendheit*) ou da essência (*Wesen*) do ente, do problema do ente *como ente* (*als Seiendes*) ou ente *enquanto tal* (*als solches*). Esse é o problema ontológico tradicional. Ora, a afirmação de que a ontologia fundamental não esgota o conceito de metafísica assenta, porém, na percepção por parte de Heidegger de que a *questão do ser* (*Seinsfrage*) precisa enfrentar não apenas esse problema em particular, o problema das “generalidades” do ente, mas também o problema específico do *ente no todo*, tronco essencial da filosofia primeira aristotélica e ele mesmo também um tema primeiro da metafísica, apenas que não da metafísica como ontologia, e sim da metafísica como *teologia*. Mas vejamos isso com mais detalhe.

Que a metafísica ou a filosofia primeira seja não apenas ontologia, mas, ao mesmo tempo, também teologia, é a intelecção essencial para o delineamento da tese segundo a qual a metafísica se funda em uma estrutura de pensamento que se pode designar *ontoteológica*. Referindo-se à definição de *filosofia primeira* apresentada por Aristóteles, Heidegger aponta para sua ambivalência interna. Em *Metafísica* Γ 1, 1003a, Aristóteles apresenta uma certa ciência cuja tarefa é a pesquisa do *ente enquanto ente* e daquilo que pertence e diz respeito ao ente enquanto ente: Ἔστιν ἐπιστήμη τις ἢ θεωρεῖ τὸ ὄν ἢ ὄν καὶ τὰ τούτῳ ὑπάρχοντα καθ’ αὐτό. Essa é a filosofia *in erster Linie* – *filosofia primeira* ou πρώτη φιλοσοφία, só muito tardiamente denominada *ontologia*⁶. Na mesma *Metafísica* (E 1, 1026a), porém, Aristóteles fala da filosofia em sentido próprio como θεολογική (φιλοσοφία), a *ciência dos fundamentos* do superpotente, daquilo que se apresenta como superpotente no seio do que aí aparece: αἴτια τοῖς φανεροῖς τῶν θεῶν, a ciência do que é *primeiro*. Heidegger diz, referindo-se a Aristóteles: “Filosofia enquanto filosofia primeira tem, assim, um caráter bifurcado. Ela é ciência do ser e ciência do superpotente. A esse caráter

⁶ Cf. GA 26, p. 16. Como observa Heidegger, a cunhagem do termo ontologia data do século XVII e remete aos epígonos de Descartes, por exemplo Clauberg.

bifurcado corresponde a bifurcação existência/ser-lançado” (GA 26, 13)⁷.

Ora, além de chamar atenção para uma bifurcação essencial do questionamento metafísico, bipartição decisiva para o estabelecimento de duas frentes de questionamento que vigorariam por séculos – o problema do ente como tal, enquanto questão das universalidades do ente (ontologia), e o problema do ente num todo, enquanto questão do fundamento último e unificador da totalidade do que há (teologia), – Heidegger indica também que essa bifurcação na essência da filosofia primeira tem bases existenciais. Como já se observou acima, *Ser e tempo* debruça-se justamente sobre essas bases, de modo que sua *analítica existencial*, por exemplo, não tem outra função senão a de esquadriñar o solo existencial da compreensão vigorosa de ser como *pura presentidade* (*pure Vorhandenheit* ou *(be)ständige Anwesenheit*; cf. respectivamente SZ, pp. 23 e 423), aspecto de fato bastante importante no contexto de qualquer *destruição* (*Destruktion*) da história da ontoteologia. *Ser e tempo*, porém, restringe-se ao problema do *ente como ente* (o tema da *metaphysica generalis*), não concedendo um tratamento especial à questão do *ente no todo*⁸.

É esse o contexto necessário ter em conta a fim de se bem compreender a *virada metafísica* advogada por Heidegger na preleção sobre Leibniz. Essa virada metafísica, uma *metafísica do Dasein* ou *metafísica da existência*, tem na ‘metontologia’ um *momento* essencial, mas, de forma alguma, se restringe a ela. Por *metontologia* compreendeu Heidegger a transformação imanente da ontologia fundamental, a sua *metabolé* (*Umschlag*) no questionamento do *ente no todo* (*das Seiende im Ganzen*), à luz das conquistas da ontologia fundamental, ou seja, à luz de sua fenomenologia da temporalidade ekstática do *Dasein*⁹. Mas apenas

⁷ Segundo Heidegger, este duplo direcionamento investigativo manifesto na filosofia de Aristóteles, especialmente aí em suas considerações sobre a *filosofia primeira*, teria sido determinante para todo o desdobramento da metafísica, interpretada como *ontoteologia*, bem como para a interpretação moderna da metafísica segundo os termos de *metaphysica generalis* e *metaphysica specialis*.

⁸ Ser, diz Heidegger em *Ser e tempo*, “é aquilo que determina o ente como ente, aquilo em vista do que o ente é sempre já compreendido, em qualquer forma que se o considere” (SZ, 6; grifo meu). O problema peculiar do *ente na totalidade* e o seu achar-se implicado na *Seinsfrage*, entretanto, não ganha um tratamento específico no *opus magnum*.

⁹ A questão sobre como se deve compreender o empreendimento da metontologia é um problema por si só e merece estudo pormenorizado. No que segue, entretanto, tratarei desse

consideradas em uma *unidade* é que *ontologia fundamental* e *metontologia* constituem, juntas, – embora não como *disciplinas*, pois o que está em jogo é uma só e mesma investigação – a *metafísica do Dasein* (cf. GA 26, 202), o projeto filosófico com o qual Heidegger se engaja especialmente entre 1927 e 1930:

Uma vez que o ser somente se dá na medida em que o ente já é em um aí, reside de modo latente na ontologia fundamental uma tendência no sentido de uma transmutação metafísica originária, a qual somente se faz possível se o ser for compreendido em sua problemática plena. [...] Pensar o ser como ser do ente e apreender o problema do ser de modo radical e universal significa, ao mesmo tempo, tornar tema o ente em seu todo, à luz da ontologia” (GA 26, 199-200)¹⁰.

Pode parecer estranho, porém, que Heidegger venha a falar, no momento mesmo em que elabora esse diagnóstico do caráter bifurcado de toda metafísica em ontologia e teologia – eis aí a origem da tese da constituição ontoteológica da metafísica –, da necessidade de uma transmutação da ontologia fundamental, de uma *transformação metafísica originária*, bem como de uma *metafísica do Dasein* ou *metafísica da existência*, justamente a fim de dar conta do problema da metafísica, ou seja, a fim poder pensar aquém dela, liberando o pensamento de suas implicações. Tanto mais estranha parece essa formulação para aquele que tem em conta o aspecto kantiano do projeto filosófico de Heidegger, para aquele que considera o modo peculiar de Heidegger de desenvolver filosofia transcendental. Ademais, como é possível falar de metafísica depois de Kant, depois da *Dialética Transcendental*?¹¹

Só há um caminho a ser percorrido a fim de se compreender a “virada metafísica” de Heidegger, bem como sua defesa pública de uma identificação de filosofia e metafísica, a saber, o esclarecimento do sentido preciso em que ele faz uso da palavra metafísica ao falar em uma *metafísica do Dasein* e ao definir filosofia como *metafísica*. Com isso, a própria metafísica devém problemática, torna-se um *problema*, na medida em que a seguinte questão se impõe: o que é, enfim, metafísica? No que segue, essa

problema apenas até onde se fizer necessário com vistas à compreensão da origem do diagnóstico crítico de Heidegger da metafísica como ontoteologia. Para uma discussão pormenorizada da idéia de metontologia, cf. Tengelyi, 2011.

¹⁰ Observo que todas as traduções de Heidegger apresentadas aqui são minhas.

¹¹ Sobre essa questão, cf. Pöggler, 1988 e Grondin, 1999.

questão será encaminhada especialmente pelo recurso à preleção do inverno de 1929/30 *Die Grundbegriffe der Metaphysik. Welt – Endlichkeit – Einsamkeit* (GA 29/30). Ela documenta o esforço de Heidegger, ainda antes da *Kehre*, para poder enfrentar a metafísica como ontoteologia por meio de uma interpretação da estrutura existencial básica onde essa bifurcação tem origem, o que envolve uma peculiar compreensão de metafísica como um acontecimento nas raízes da existência humana e como um pensamento compreensivo-inclusivo (*inbegrifflich*).

A metafísica como o acontecimento fundamental do ser-o-á e a raiz existencial da bifurcação ontoteológica da metafísica tradicional

A proposição, por Heidegger, de uma virada metafísica da ontologia fundamental, a *metafísica do Dasein*, tem, como exposto acima, o seguinte sentido: enfrentar a metafísica tendo em vista a sua bipartição imanente, a sua constituição ontoteológica. A consideração temática da *metafísica do Dasein*, bem como da metontologia, como um de seus momentos constitutivos, precisa ter isso em conta, sob o risco de que não se chegue a compreender o sentido e a tarefa dessas investigações e sobretudo da própria posição de Heidegger sobre a essência da metafísica. Assim, há que se considerar melhor o modo peculiar como Heidegger compreende o que seja a metafísica. Esse exercício é tanto mais importante quando se nota a posição reticente de alguns representantes contemporâneos da fenomenologia face à transformação metafísica da filosofia transcendental.

Para Crowell (2000), por exemplo, o tratamento filosófico do problema do ente na totalidade, que envolve a metontologia proposta por Heidegger, não seria senão sinal do abandono da perspectiva crítico-transcendental de colocação de problemas filosóficos, tendo, como última consequência, um tipo de recrudescimento ôntico. À fenomenologia caberia, muito antes, avançar na explicitação do caráter temporal das projeções de sentido de ser, radicalizando o elo de tempo e ser, não sendo importante o problema “teológico”. Entretanto, a discussão permanecerá pouco frutífera enquanto permanecer obscuro o que Heidegger entende por metafísica no período imediatamente posterior à publicação de *Ser e tempo*, bem como enquanto não for explorada a positividade contida em um enfrentamento *possível* do problema do *ente no todo* à luz das conquistas da ontologia fundamental e de sua afirmação da compreensão de ser como o

solo do encontro ou aparição de entes.

Sabe-se que “metafísica” é termo filosófico dos mais antigos e, *grosso modo*, designa o questionamento acerca das universalidades e das propriedades do ente e do fundamento da presença do ente no todo. Heidegger recusa-se, entretanto, a compreender a metafísica primeiramente ou tão-somente como uma disciplina do cânone da filosofia ocidental – o que, obviamente, não significa ignorar o fato de que a metafísica se desenvolveu justamente como disciplina filosófica, como a disciplina do fundamento. A posição de Heidegger, entretanto, é de que a metafísica somente chega a se firmar na história da filosofia como uma disciplina do saber, e mesmo como uma disciplina fundamental, porque ela mesma se caracteriza, muito antes, como um *acontecimento fundamental*¹² (cf. GA 29/30, § 7). Em um contexto em que filosofia e metafísica são uma só e mesma coisa, essa caracterização incide também sobre a própria filosofia. Mas de que acontecimento se trata?

Ao recolocar a questão sobre o que seja a metafísica, Heidegger tem sobretudo dois objetivos principais. Longe de pretender, depois dos ganhos de Kant na *Dialética Transcendental*, reabilitar qualquer questionamento transcendente sobre os fundamentos (ônticos) do ente na sua totalidade, trata-se, de um lado, de reacender a discussão sobre o que está na origem e é condição de possibilidade desta interpretação bipartida do ente, do ente na totalidade como *phýsis* – conforme a formulação de GA 29/30 – , demonstrando a necessidade e inevitabilidade da metafísica no sentido da tradição. De outro lado, falar da condição de possibilidade da interpretação bipartida do ente significa, por sua vez, tratar decididamente do problema da *unidade* desse questionamento, buscando esquadriñar o solo dessa interpretação.

Justamente o problema da *unidade* ou do *solo unitário* em que assenta a bipartição da metafísica como ontoteologia – *ente como tal e ente*

¹² Acontecimento fundamental é *Grundgeschehen*. A tradução portuguesa de *Geschehen* por *acontecimento* acaba por ocultar o aspecto verbal do vocábulo alemão, pertencente ao mesmo campo semântico de *Geschichte*, *história*. Literalmente, *geschehen*, como verbo, quer dizer *acontecer*. Como substantivo, diz “o acontecer”. Em *Ser e tempo*, a *história* (*Geschichte*) é interpretada justamente nessas bases. A historicidade é *Geschichtlichkeit*, é “acontecência” e se funda na abertura extático-temporal, na temporalidade. Acontecimento, assim, diz tão somente *irromper*, *abrir*, *vigorar* no tempo, no tempo próprio do *Dasein*.

no todo – é o que, para Heidegger, nunca chegou a ser decisivamente tematizado pela tradição metafísica. No § 9 de GA 29/30, dedicado justamente aos dois significados de *phýsis* em Aristóteles e ao duplo direcionamento investigativo daí derivado, Heidegger diz:

O decisivo é o seguinte: essas duas direções de questionamento, encerradas na significação unitária de φύσις, são reunidas explicitamente por Aristóteles. Não há duas disciplinas distintas. Antes disso, o perguntar pelo ente no todo e o perguntar pelo que seja o ser do ente, sua essência ou natureza, são definidos por Aristóteles como πρώτη φιλοσοφία, como filosofia primeira. Esse perguntar é o filosofar em primeira linha, o filosofar próprio. O filosofar próprio é o perguntar pela φύσις neste duplo direcionamento: o perguntar pelo ente no todo e, numa unidade com isso, o perguntar pelo ser. É assim que as coisas se apresentam para Aristóteles. Ao mesmo tempo, porém, Aristóteles não diz nada – ou ao menos nada nos foi transmitido – sobre como ele pensa essas duas direções do perguntar em sua unidade, sobre em que medida justamente esse questionar direcionado assim de modo dual constitui unitariamente o filosofar em sentido próprio. Esta é uma questão aberta e que permanece aberta até hoje ou que não chegou ainda hoje a ser colocada novamente (GA 29/30, 50).

Metafísica, no sentido da tradição, é ontoteologia porque é essencialmente dual, bipartida, bifurcada. Metafísica, dito de outra maneira, é algo cuja origem é uma encruzilhada. O surpreendente na posição de Heidegger nesse momento, porém, é o fato de que ele situa na constituição ontológica do próprio *Dasein*, na própria existência, a origem desse duplo direcionamento investigativo, como origem da própria bipartição aqui em pauta. A tese ou pressuposição básica, o tempo inteiro operante em tudo quanto Heidegger diz sobre a metafísica no final dos anos 1920, é a de que um esclarecimento de toda tendência à metafísica depende de uma explicitação do modo de ser do próprio *Dasein*, o ser-o-aí. Em linhas gerais, está em jogo poder retroceder ao campo fenomênico situado aquém da própria bipartição, com vistas tanto a explicitar sua origem (ou seja, a origem da própria metafísica) como a reinterpretá-la em uma chave outra (metafísica em um sentido originário), sob orientação de uma compreensão adequada do modo de ser do *Dasein*.

Segundo a indicação oferecida na preleção sobre Leibniz e já mencionada acima, “a esse caráter bifurcado [da metafísica] corresponde a bifurcação existência/ser-lançado” (GA 26, 13). A existência, o caráter projetivo do *Dasein*, aponta para a *compreensão de ser* (*Seinsverständnis*), para

o *projeto* (*Entwurf*), para o *como* (*Als*) do ente, para o âmbito propriamente *ontológico*. O ser-lançado (*Geworfenheit*) aponta para a concretude ôntica do *Dasein*, para o seu existir sempre já situado *em meio ao ente*, em meio ao ente *no todo* (*im Ganzen*). O que Aristóteles chamou de θεολογική, chamando atenção para o problema especial do τὸ θεῖον, “o ente pura e simplesmente – o firmamento, o que tudo abrange e domina, aquilo sob o que e em que somos arremessados, aquilo que nos cativa e assalta, o superpotente” (GA 26, 13), remete, segundo a interpretação de Heidegger, ao aspecto ôntico do próprio *Dasein*, ao fato de que o ser-o-aí não paira no ar, mas é o que é em meio ao ente no todo¹³.

É a partir da identificação da bifurcação existência/ser-lançado como a base da bifurcação básica da metafísica em ontologia e teologia que Heidegger procede a uma fundamentação fenomenológico-hermenêutica radical das origens da metafísica, da metafísica como ontoteologia. As origens ontoteológicas da metafísica assentam, dito diretamente, na própria constituição ôntico-ontológica do *Dasein*, no ser-o-aí como ser-lançado e como existência, e isso numa unidade. Ora, justamente essa unidade ôntico-ontológica do ser-o-aí é o tema da *metafísica do Dasein*, como já indicamos acima, e esse é o projeto filosófico central do período imediatamente posterior a *Ser e tempo*¹⁴. Se Heidegger passa a falar em uma *metafísica do Dasein*, porém, é porque ele acaba por preservar, neste mesmo movimento de elaboração de um diagnóstico crítico da metafísica tradicional, um sentido positivo ou próprio para o emprego da palavra ‘metafísica’. A metafísica, enfim, é um acontecimento nas raízes da existência do *Dasein*, logo, é algo inevitável.

No que segue, tenta-se compreender de que modo a filosofia pode desenvolver um questionamento ‘metafísico’ sem incorrer numa ontoteologia de presentidades. Em linhas gerais, ela o faz por meio do empreendimento de um pensamento chamado *compreensivo-inclusivo* (*inbegriffliches Denken*), que cabe compreender melhor aqui¹⁵. Esse

¹³ Uma exposição mais pormenorizada do modo como a bifurcação ontoteológica da metafísica assenta naquela de existência/ser-lançado encontra-se em Hanley, 1999.

¹⁴ A *metafísica do Dasein* é o tema da quarta seção, divisões A e B do *Kant-Buch* de 1929, mas determina igualmente a unidade sistemática de preleções como GA 26, GA 27 e GA 29/30.

¹⁵ Pensamento *compreensivo-inclusivo* é a minha tradução para *inbegriffliches Denken*. A tradução visa à literalidade: o adjetivo *inbegrifflich* deriva do substantivo alemão *Inbegriff*,

pensamento compreensivo-inclusivo é apresentado já na preleção sobre Leibniz e depende, fundamentalmente, de duas intelecções: 1) da tese de que o pensamento metafísico originário e próprio – significa dizer: não apogado de saída a qualquer ótica de presentidades – tem sempre em seu horizonte, em um elo íntimo com a questão ontológica fundamental, o problema do todo, e isso de tal modo que a própria existência humana, inserida nesse todo, é posta também em questão¹⁶ e 2) da suposição de que há um modo não ontoteológico-metafísico de discorrer sobre o problema do todo, em uma unidade com o problema ontológico fundamental, donde a aposta de Heidegger na *metafísica do Dasein*.

A metafísica como pensamento compreensivo-inclusivo e a tonalidade afetiva fundamental do filosofar

A identificação explícita de *filosofia* e *metafísica* é uma característica marcante da produção filosófica de Heidegger no período imediatamente posterior a *Ser e tempo*, aspecto já aludido acima quando da apresentação da *transformação metafísica originária* do filosofar. No período compreendido entre 1927 e 1930, conceitos metafísicos tradicionais, tais como *fundamento* (*Grund*), *verdade* (*Wahrheit*) e *liberdade* (*Freiheit*), bem como a noção de *essência* (*Wesen*), acedem ao centro das reflexões de Heidegger, desenvolvidas o mais das vezes por meio de um confronto direto com autores da tradição (especialmente Aristóteles, Leibniz e Kant). Além disso, a expressão *metafísica do Dasein*, algumas vezes denominada também *metafísica da existência* (GA 26, 199), passa a orientar a reflexão de Heidegger em seus

“das, was innerhalb seiner etwas anderes begriffen, umschlossen hält, summa, complexio, comprehensio” (J. u. W. Grimm), que pode ser traduzido por *compreendido*, na acepção de *abarcado* (*Griff* é substantivo derivado do verbo *greifen* que significa *agarrar*, *pegar*, e *Begriff* é o termo alemão para *conceito*, o “aprendido”, literalmente). Pensamento *compreensivo-inclusivo* quer dizer, assim, pensamento *abrangente*, pensamento que *abarca*. Os conceitos da metafísica são *compreensivo-inclusivos* (*In-begriffe*) porque abarcam sempre *o todo* em si. No português, *compreender* não significa apenas, entretanto, abranger ou abarcar, mas também perceber, entender. A manutenção dessa ambiguidade é positiva aqui, uma vez que, como veremos, este pensamento compreensivo-inclusivo acha na própria *compreensão de ser* (*Seinsverständnis*) a sua condição de possibilidade. Cf. GA 29/30, § 3, *Metaphysisches Denken als inbegriffliches Denken: auf das Ganze gehend und die Existenz durchgreifende*.

¹⁶ É aqui que Heidegger vê a positividade da θεολογική de Aristóteles (cf. GA 26, 21-22). Seu próprio pensamento compreensivo-inclusivo, entretanto, dispõe de outro modo de operar.

curtos e conferências, podendo ser comparada ao papel da *hermenêutica da facticidade* no período anterior à publicação do *opus magnum* (cf. Greisch, 2003, p. 115)¹⁷.

Na preleção do inverno de 1929/30 (GA 29/30), essa identificação de filosofia e metafísica ganha uma formulação bastante especial. Definida como pensamento *compreensivo-inclusivo*, metafísica passa a designar o pensar que se volta para o todo abarcando compreensivamente a existência no movimento deste questionar: “A metafísica é um perguntar no interior do qual penetramos interrogativamente no todo do ente e ali perguntamos de um modo tal que nós mesmos, aqueles que questionamos, somos conjuntamente postos em questionamento” (GA 29/30, § 3, p. 13). Trata-se aí de uma nova formulação na definição de filosofia, distinta daquela apresentada em *Ser e tempo* e segundo a qual filosofia é a “ontologia fenomenológica universal que parte da hermenêutica do *Dasein*, a qual, enquanto analítica da existência, amarra o fio condutor de todo o perguntar filosófico ali mesmo onde ele brota e para onde ele retorna” (SZ, 38).

Se em ambas as definições, por um lado, encontra-se preservado o princípio de uma repercussão necessária do questionamento filosófico sobre a existência – o lugar de origem de toda filosofia –, é necessário observar que, por outro lado, há uma diferença peculiar na definição apresentada em GA 29/30. Nessa preleção, filosofia (metafísica) descreve o penetrar interrogativo *no todo do ente*. Dito de outra maneira: há um modo filosófico de enfrentar o problema do todo e, no cumprimento deste confronto, a existência – como o solo onde brota o questionamento filosófico – é ao mesmo tempo também abarcada. Justamente esse “no todo do ente” marca a distinção entre as duas definições, apontando para o motivo básico da *virada metafísica* de Heidegger: a necessidade de tratar filosoficamente da questão sobre o ente no todo, numa unidade com o problema ontológico, mas sem incorrer numa metafísica ontoteológica de presentidades.

Uma indicação do modo como Heidegger compreende o problema

¹⁷ O projeto de uma hermenêutica da facticidade, cujo desenvolvimento remonta ao *Kriegsnotsemester* de 1919 (*Die Idee der Philosophie und das Weltanschauungsproblem*, GA 56/57), culminaria, em *Ser e tempo*, na hermenêutica da temporalidade. Importante para a compreensão da noção de facticidade, cujo tratamento não se pode empreender aqui, é também o curso do semestre de verão de 1923, *Ontologie. Hermeneutik der Faktizität* (GA 63).

do *ente no todo* como um problema *para* o *Dasein* acha-se, por exemplo, na seguinte formulação de *Was ist Metaphysik?* Heidegger diz:

Tão certo como nós nunca poderemos apreender o todo do ente em si de um modo absoluto, é certo que nós nos encontramos postos em meio ao ente que de alguma maneira nos é revelado no todo. No fim das contas subsiste uma diferença essencial entre o apreender do todo do ente em si e o encontrar-se em meio ao ente em um todo. O primeiro é fundamentalmente impossível. O segundo é algo que acontece persistentemente no nosso ser-o-aí (GA 9, 110).

Nessa passagem, Heidegger aponta novamente para aquele que lhe parece ser o lugar adequado para o tratamento da questão sobre o ente no todo: a própria estrutura do existir humano (existência) enquanto lançado no ente no todo (ser-lançado). Não se trata, assim, de corroborar as pretensões da razão no sentido de apreender totalidades, mas sim de localizar no modo de ser do homem – em sua “situação ôntico-ontológica” – as origens existenciais do seu ser abarcado por um todo, do seu encontrar-se constantemente em meio ao ente num todo. Ora, o acontecimento aí em pauta, origem da bifurcação existência/ser-lançado, é a própria *transcendência* do *Dasein*, o fenômeno fundador da diferença entre *ser* e *ente*. A *metafísica do Dasein* – considerando que metafísica, em sentido próprio, não é senão esse acontecimento da transcendência e do subsequente vigor de diferença que torna possível o comportamento humano – precisa tratar justamente dessa bi-horizontalidade da transcendência, como via única para se pensar *aquém* da metafísica¹⁸.

Dito em linhas gerais, a transcendência origina uma cisão, e por isso também uma bipartição investigativa. À cisão aqui em pauta, Heidegger chamou também de *diferença ontológica*, e esse tema constitui um problema por si só. Tratá-lo requer uma investigação pormenorizada da essência da transcendência, o que excede os limites do presente trabalho. Tendo isso em vista, vou restringir-me aqui a uma clarificação de um ponto não menos importante nesse contexto, um aprofundamento da caracterização da metafísica como acontecimento, o que deve bastar para uma compreensão geral da *metafísica do Dasein* como alternativa para um enfrentamento da metafísica ontoteológica. Trata-se, basicamente, do vigor de um impulso ou

¹⁸ Sobre a bi-horizontalidade ou bidimensionalidade da transcendência, conferir o trabalho de Vigo, 2008

tendência inevitável, sediado nas raízes transcendentais da existência, e que lança o homem na busca por solo, chão e morada no todo do ente. Para ilustrá-lo, Heidegger se vale da seguinte sentença de Novalis: “filosofia é saudade de casa [*Heimweh*] – é o impulso no sentido de estar em toda parte em casa”. Heidegger interpreta esse impulso (*Trieb*) como um esforço para ser no todo, ou um achar-se sempre remetido a um todo.

“Saudade de casa” – *Heimweh* – é a disposição afetiva fundamental (*Grundstimmung*) do filosofar em geral, da metafísica. Ela aponta para os fenômenos da ausência de chão (*Bodenlosigkeit*; “*Wir sind ins Bodenlose geraten*”, GA 29/30, 239) e, em última instância, para a finitude (*Endlichkeit*) do *Dasein*, um dos *Grundbegriffe* da metafísica segundo a preleção de 1929/30¹⁹. “Saudade de casa”, expressão romântica e nostálgica, é tomada aí como mote, mas remete, no fim das contas, ao dilema próprio da cisão ôntico-ontológica advinda do acontecimento da transcendência (metafísica). Ela aponta, assim, para a própria condição do *Dasein*, concedendo novo sentido à expressão *metaphysica naturalis* utilizada outrora por Kant²⁰. É na própria finitude da existência, em última instância, que assenta o interesse humano pela metafísica. E a filosofia, por sua vez, é “a concreção central e total da essência metafísica da existência” (GA 26, 202).

Considerações Finais

Vale observar que ainda há muito que dizer a respeito do projeto heideggeriano da *metafísica do Dasein* – projeto filosófico decisivo para a compreensão da unidade dos textos e preleções do período imediatamente posterior a *Ser e tempo* e, entretanto, o mais das vezes pouco considerado pelos estudiosos. Resta avançar, por exemplo, na reconstrução positiva da *metafísica do Dasein*, na recuperação das análises desenvolvidas sob o seu eixo orientador, uma vez que elas ultrapassam os limites da desconstrução crítica da metafísica como ontoteologia e se dedicam muito mais à *construção* de uma fenomenologia-hermenêutica da situação humana. E essa observação vale também como indicação dos limites do presente trabalho. Sendo assim, e para poder concluir, temos de nos contentar com algumas indicações de caminhos possíveis para o desenvolvimento da pesquisa aqui

¹⁹ Sobre a finitude da existência em Heidegger, cf. Kouba, 2005.

²⁰ “[...] und Metaphysik ist, wengleich nicht als Wissenschaft, doch als Naturanlage (metaphysica naturalis) wirklich” (Kant, KrV, B 21).

iniciada, que de forma alguma, porém, poderão ser expostos aqui de modo exaustivo.

Como foi dito acima, o cerne do projeto da *metafísica do Dasein* envolve – conforme a formulação do *Kanti-Buch* de 1929 – a elaboração e interpretação da “finitude no homem” (GA 3, 218), como tratamento do solo bifurcado, na própria existência, onde tem lugar a cisão ôntico-ontológica e onde, conseqüentemente, a metafísica como ontoteologia pôde ser edificada. Esse é, em suma, o aspecto negativo, o diagnóstico crítico da constituição ontoteológica da metafísica, o esforço para retroceder às suas bases. De outro lado, porém, há a aposta de Heidegger num sentido positivo para o emprego da palavra metafísica, há a designação da metafísica como o acontecimento fundamental do ser-o-aí, e há a idéia da *metafísica do Dasein*, a qual traz consigo uma mudança profunda no modo de colocação dos problemas fundamentais apresentado em *Ser e tempo*, especialmente no tocante à ligação temática íntima dos conceitos de tempo e de ser e ao modo de encaminhar o seu tratamento.

A tarefa da *metafísica do Dasein*, entretanto, permanece sendo o encaminhamento da *Seinsfrage*, a questão do ser. A modificação essencial, com relação ao proposto em *Ser e tempo*, tem que ver com a necessidade da viravolta interna do filosofar, a *metabolé* da ontologia fundamental em metontologia e a consideração da questão sobre o ente no todo à luz da analítica temporal da compreensão de ser no *Dasein*, mas sem perder de vista a sua ineludível *vincularidade ao ente no todo*. Significa dizer: a *metafísica do Dasein* trata do problema ontológico sempre tendo em vista que ele envolve o problema “teológico”. Mas ela reinterpreta, como foi dito, o problema aristotélico do τὸ θεῖον – absolutamente distinto da problemática teológico-cristã em torno de um θεός -, de tal modo a pôr em relevo o *dilema* próprio da situação ôntico-ontológica, indicando que a finitude não radica tão-só nos limites da compreensão de ser, mas também nos limites impostos pela vincularidade e pela normatividade advinda do próprio ente.

A *metafísica do Dasein* afasta-se, assim, em larga medida do projeto fundacionista subjacente a *Ser e tempo* e trata, muito antes, do vínculo radical que entrelaça o existir do homem ao ente em um todo, em um conjunto, retirando daí a conceptualidade necessária para o tratamento da natureza humana – a “finitude no homem” – e para o encaminhamento da

questão do ser. Considerada a partir dessa unidade temática, a *metafísica do Dasein* pode ser lida como uma hermenêutica da vincularidade humana a entes e culmina em um novo conceito de homem, o homem como *formador de mundo* (*Weltbildend*), fundando e respondendo de maneira *metafísica* – como perguntar compreensivo-inclusivo – à problemática antropológico-filosófica. Ela assegura, ademais, a base ôntica da ontologia fundamental e radicaliza a fenomenologia do existir do *Dasein*, na medida em que avança decididamente no tratamento do problema do sentido da própria intencionalidade, do acesso a entes em geral, do comportamento humano e da constituição de objetualidade.

Referências

- ARISTOTELES. *Metaphysik*. Erster Halbband I (A) – VI (E). In der Übersetzung von Hermann Bonitz. Griechischer Text in der Edition von Wilhelm Christ. Griechisch-Deutsch. Hamburg, Felix Meiner Verlag, 1978.
- BARRÓN, Uscatescu (2010). *Metaphysik als Ontotheologie: Zur Rekonstruktion der Heideggerschen Auffassung der Geschichte der Philosophie*. *Heidegger Studies*. Vol. 26/2010.
- CROWELL, Steven (2000). *Metaphysics, Metontology, and the End of Being and Time*. *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 60, No. 2. (Mar., 2000), pp. 307-331.
- GREISCH, Jean (2003). *Der philosophische Umbruch in den Jahren 1928-32. Von der Fundamentalontologie zur Metaphysik des Daseins*. In.: THOMÄ, Dieter (Hrsg.) (2003). *Heidegger-Handbuch. Leben – Werk – Wirkung*. Stuttgart, Weimar: Metzler, 2003.
- GRONDIN, Jean (1999). *Heidegger et le problème de la métaphysique*. *Dioti*, 1999/6.
- HANLEY, Catriona (1999). *Heidegger on Aristotle's "Metaphysical" God*. *Continental Philosophy Review* 32: 19–28, 1999.
- HEIDEGGER, Martin (1927). *Sein und Zeit*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, Achtzente Auflage, 2001.
- HEIDEGGER, Martin (GA 24). *Die Grundprobleme der Phänomenologie* (Sommersemester 1927). Hrsg. von Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 3. Auflage 1997.
- HEIDEGGER, Martin (GA 26). *Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz* (Sommersemester 1928). Hrsg. von Klaus Held.

Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1978.

HEIDEGGER, Martin (GA 27). *Einleitung in die Philosophie* (Wintersemester 1928/29). Hrsg. Von Otto Saame und Ina Saame-Speidel. Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 2., durchgesehene Auflage 2001.

HEIDEGGER, Martin (GA 29/30). *Die Grundbegriffe der Metaphysik. Welt - Endlichkeit - Einsamkeit* (Wintersemester 1929/30). Hrsg. Von Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 3. Auflage 2004.

HEIDEGGER, Martin (GA 3). *Kant und das Problem der Metaphysik*. Hrsg. von Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1991.

JARAN, François (2006). La pensée métaphysique de Heidegger. La transcendence du *Dasein* comme source d'une *metaphysica naturalis*. *Les Études Philosophiques*, 2006/1, 47-61.

JARAN, François (2010). *La métaphysique du Dasein. Heidegger et la possibilité de la métaphysique (1927/1930)*. Vorwort von Jean Grondin. Bucarest, Zeta Books, 2010.

KANT, Immanuel. *Kritik der reinen Vernunft*. Nach der ersten und zweiten Original-Ausgabe neu herausgegeben von Raymund Schmidt. Durchgesehener Nachdruck. Hamburg, Felix Meiner Verlag, 1976.

KOUBA, Pavel (2005). *Der Sinn der Endlichkeit*. Würzburg, Königshausen & Neumann, 2005.

PÖGGLER, Otto (1988). Metaphysik als Problem bei Heidegger. In.: HENRICH, Dieter / HORSTMANN, Rolf-Peter (Org.). *Metaphysik nach Kant?* / Stuttgarter Hegel-Kongress (1987). Stuttgart: Klett-Cotta, 1988.

TENGELYI, László. L'idée de métontologie et la vision du monde selon Heidegger. *Heidegger Studies*, Vol. 27 (2011).

THOMÄ, Dieter (Org.) (2003). *Heidegger-Handbuch. Leben - Werk - Wirkung*. Stuttgart, Weimar: Metzler, 2003.

VIGO, Alejandro (2008). *Arqueología y aleteiología: Y otros estudios heideggerianos*. Buenos Aires, Editorial Biblos (Fenomenología y Hermenéutica), 2008.